



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17154 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 09 - Currículo

**APRENDER PARA A VIDA: CONFIGURAÇÕES DO CONHECIMENTO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960**

Marta Luiza Sfredo - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

**APRENDER PARA A VIDA: CONFIGURAÇÕES DO CONHECIMENTO ESCOLAR NO ENSINO SECUNDÁRIO BRASILEIRO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960**

**RESUMO:** O objetivo do texto é analisar os modos pelos quais o conhecimento escolar foi reposicionado, na dinâmica educacional brasileira, a partir das décadas de 1950 e 1960, considerando o conjunto de novas perspectivas propostas para o ensino secundário no Brasil, que podem ser sintetizadas na ênfase do aprender para a vida. A investigação teve como recorte temporal as décadas de 1950 e 1960. O percurso investigativo delineado envolveu a análise documental, de acordo com os pressupostos de Cellard (2008), tendo como material empírico dois impressos pedagógicos destinados aos docentes do ensino secundário: revista *Escola Secundária*, publicada entre 1958 e 1963 e o livro *Escola Secundária Moderna*, publicado em 1962. Os resultados apresentam um reposicionamento do conhecimento escolar, com a emergência de um conjunto de novas características para esta etapa da escolarização, pautadas nas racionalidades econômicas neoliberais de performatividade e eficiência, que configuraram o aluno como centro do processo educativo e o professor como facilitador da aprendizagem, em um cenário de intensas reformas com base no ideal de modernização do ensino, orientado para o aprender para a vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino secundário. Conhecimento escolar. Aprender para a vida.

Este texto apresenta os resultados da pesquisa que objetivou analisar os modos pelos quais o conhecimento escolar foi reposicionado na dinâmica educativa brasileira concernente ao ensino secundário, nas décadas de 1950 e 1960, a partir dos excertos de dois impressos pedagógicos que circularam no país neste período. Em termos de referencial teórico, torna-se importante referir que o processo educacional brasileiro, e, em especial o projeto de expansão da escola média, configurado na segunda metade do século XX, assinala um alinhamento com a teoria do capital humano e com os pressupostos economicistas neoliberais, considerando o conhecimento escolar como um elemento central capaz de agregar valor de competitividade

aos indivíduos, favorecendo o utilitarismo e as necessidades de mercado, cuja expressão se traduz no aprender para a vida. (DARDOT; LAVAL, 2016).

Assim, a partir do processo de renovação do ensino, no qual os impressos pedagógicos assumiram um papel determinante, o conhecimento escolar foi sendo permeado por um discurso que enfatizava a necessidade de um currículo cada vez mais flexível, para se adequar a um mundo produtivo em constante transformação e cada vez mais instável, que demandava uma qualificação para a vida.(SILVA, 2017). Neste cenário, os impressos pedagógicos assumiram papel central na difusão de tais pressupostos.

A noção de modernização vinculada à ideia de progresso acompanhou toda a retórica de ordem reformadora que marcou a escolarização contemporânea no Brasil, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, fundamentando também a organização do processo de renovação do ensino.

Considerando a dinâmica metodológica utilizada, as décadas de 1950 e 1960 configuram o recorte temporal da pesquisa, cujo percurso investigativo envolveu a análise documental, de acordo com os pressupostos de Cellard (2008), tendo como material empírico dois impressos destinados aos docentes do ensino secundário: revista *Escola Secundária*, publicada entre 1958 e 1963 e o livro *Escola Secundária Moderna*, publicado em 1962.

O material de pesquisa foi analisado a partir do objetivo investigativo delimitado, cujos excertos foram selecionados a partir da relação com a perspectiva do conhecimento escolar apresentada revelando que o termo “aprender para a vida” aparece de maneira recorrente, como pressuposto orientador da renovação do ensino e também como norteador da reforma curricular, considerado elemento capaz de produzir as inovações necessárias para adequar os processos de escolarização às necessidades da economia neoliberal.

Deste modo, as racionalidades políticas que figuram em torno do ensino secundário se processam, nesse período, em um contexto que é elucidado pelo material empírico, ao assinalar a necessidade de configurar novas práticas em relação ao trabalho do professor, no intuito de superar formas de ensino tradicionais, centradas no verbalismo e na transmissão de conteúdos sem aplicabilidade prática, em favor de uma docência centrada no aluno, desenvolvida através das modernas técnicas de ensino e guiadas pelos pressupostos eficientistas importados das racionalidades econômicas, que podem ser sintetizadas na perspectiva do aprender para a vida.

Está suficientemente aceito por todos os brasileiros de bom senso, que **nossa atual escola média não corresponde às necessidades do processo de desenvolvimento por que está passando o País**. Tendo-se popularizado, a escola secundária (estatisticamente a única escola média com influência no país), continuou a ser escola puramente intelectualista, baseada em verbalismo desenfreado e falsamente cultural, com sobrecarga enorme de disciplinas, algumas de cunho

nitidamente “aristocrático”. **O aluno nela não aprende a viver** (A escola secundária moderna - LIMA, 1962, p. 333, grifos meus).

Analítica que abre espaço para a emergência da perspectiva de uma educação para a vida, associada à ideia de individualização dos percursos de aprendizagem, ao considerar, sob a influência dos pressupostos escolanovistas, que o “objetivo da educação é continuar a enriquecer o processo da vida por pensamentos e ações melhores. Portanto, **a educação, está na vida e para a vida**” (KILPATRICK, 1964, p. 90, grifos meus).

Nesta analítica, educar para a vida envolve “ensinar habilidades que possam ocorrer em muitas situações apropriadas e não apenas naquelas explicitamente utilizadas no processo de instrução” (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 715), permitindo que se desenvolva o objetivo primordial da educação. Assim, fazendo com que “os comportamentos aprendidos nos contextos de sala de aula e nas tarefas propostas possam se generalizar para contextos fora da sala de aula” (HENKLAIN; CARMO, 2013, p. 715).

Perspectiva de educação para a vida que permeia o direcionamento do conhecimento escolar dimensionado para o ensino secundário, expressa nos excertos do material de pesquisa ao reforçar que,

É preciso que a escola se prepare para **fornecer a cada aluno aquilo que esse particular aluno precisa para ser bem-sucedido na vida**. A sua primeira norma, por tanto, deve ser a **flexibilidade, a capacidade de adaptar-se a personalidade dos alunos** (Revista *Escola Secundária*, nº 5, junho 1958, p. 13, grifos meus).

A ênfase no aprender para a vida aparece de maneira recorrente também como pressuposto orientador da renovação do ensino, considerada elemento capaz de produzir as inovações necessárias para adequar o ensino secundário às necessidades da economia, por meio de um processo de escolarização centrado na eficiência e na busca por melhores resultados de aprendizagem, voltado para a formação do “aluno eficiente que aprenderá ao longo de toda a sua vida” (BIESTA, 2017, p. 20).

Diante da perspectiva de flexibilidade frente à rigidez dos pressupostos tradicionais do ensino, onde “o aluno não aprende a viver”, Braghini (2008, p. 3), expressa que “a partir de meados dos anos 1950, a principal preocupação dos pesquisadores era tornar a escola secundária mais “prática”, a fim de fundir-se aos apelos economicistas que, naquele momento, misturavam-se com as determinações educacionais”.

Portanto, os intelectuais escolanovistas buscavam mudanças curriculares que fossem adequadas à nova concepção de ensino secundário e que o conduzissem para uma educação moderna, ativa e mais popular (BRAGUINI, 2008).

É preciso reduzir o currículo e melhorar os programas, a fim de que o

**aluno estude o que é realmente útil à sua formação** moral, cívica, espiritual e intelectual. É preciso acabar com o supérfluo e dar maior ênfase ao principal. É preciso que o adolescente receba de seus mestres **um incentivo para a vida, um ideal de vida. É necessário que a escola prepare o estudante para a realidade** [...]. Para isso é necessário que a escola lance mão de métodos ativos [...]. É preciso acabar com o verbalismo (Revista ensino secundário 17, p. 8, grifos meus).

Para fazer face ao desafio das novas realidades, o nosso ensino secundário terá que enveredar por novos caminhos em busca de novas formulações curriculares, mais atualizadas e funcionais, e novas soluções metodológicas **que capitalizem o rico potencial das novas gerações, preparando-as para um novo estilo de vida** (Revista Escola Secundária, nº 14, setembro de 1960, p. 4, grifos meus).

Princípios estes que, de acordo com Silva (2017), evocavam tanto a implementação de um processo de “renovação educacional”, quanto elementos que possibilitassem a “reconstrução nacional”, sendo marcados pelo movimento escolanovista. Neste sentido, o “progressivismo pedagógico” que marcou o pensamento educacional de Anísio Teixeira, segundo Silva (2017, p. 12), está dimensionado, também, segundo “um currículo que amplie as experiências formativas a partir dos interesses do próprio indivíduo que aprende”, de forma que a escola seja ressignificada para oferecer, aos estudantes, os saberes úteis e necessários para a vida, de acordo com as demandas que emergem a partir das novas configurações da sociedade.

Dimensão que assinala a emergência de uma educação para a vida, associada à ideia de individualização dos percursos de aprendizagem, ao considerar, sob a influência dos pressupostos escolanovistas, que o “objetivo da educação é continuar a enriquecer o processo da vida por pensamentos e ações melhores. Portanto, **a educação, está na vida e para a vida**” (KILPATRICK, 1964, p. 90, grifos meus).

As análises apresentadas configuram, em termos de conhecimento escolar, um reposicionamento do ensino e da aprendizagem, ao assinalar o aluno como centro do processo educativo, secundarizando o papel do professor neste processo e evidenciando o aprender para a vida como pressuposto educativo. Nestes termos, a perspectiva do aprender para a vida, ao dimensionar uma necessária mudança na forma de compreender o processo de ensino-aprendizagem, viabiliza a transformação de um “ensino centrado na transmissão de conteúdos e procedimentos a um ensino centrado na aprendizagem ativa e significativa por parte do aluno” (BIESTA, 2017, p. 10).

Tal transformação, segundo o autor, evoca novos métodos e práticas renovadoras, fazendo também com que o aluno se tornasse a figura central do processo de aprendizagem, reduzindo o papel do professor a um facilitador, “responsável pela preparação dos recursos didáticos e do cenário educacional, do controle do espaço e do tempo da sala de aula” (p. 10). Cenário que contribuiu para o engendramento de novas perspectivas para o processo educacional, forjando um contexto marcado pela substituição da escola por espaços de aprendizagem, dos saberes por competências e dos alunos por clientes (MASSCHELEIN;

SIMONS, 2014).

Assim, a ênfase no aprender para a vida, que se evidencia a partir das análises realizadas nos materiais empíricos, inscreveu o ensino secundário em uma nova dinâmica em relação ao conhecimento escolar, revelando também um dos principais desafios relativos às questões educacionais contemporâneas, sintetizado no processo de esmaecimento do ensino, cujos desdobramentos constituem uma temática incontornável para a pesquisa em educação.

## REFERÊNCIAS

BIESTA, Gert. **El bello riesgo de educar: Cada acto educativo es singular y abierto a lo imprevisto**. Madrid: Ediciones SM, 2017.

BRAGHINI, Katya Zuquim. Democracia industrial: uma discussão sobre o fim do bacharelismo no ensino secundário, **Educação**, Santa Maria, v. 33, n. 2, p. 293-304, maio/ago. 2008.

Campanha Nacional de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES). **Escola Secundária**, v. 5, p. 13-28, março. 1958.

Campanha Nacional de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES). **Escola Secundária**, v. 14, p. 4, dezembro. 1958.

Campanha Nacional de Difusão e Aperfeiçoamento do Ensino Secundário (CADES). **Escola Secundária**, v. 17, p. 8-15, setembro. 1958.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008, p. 295-315.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

HENKLAIN, Marcelo Henrique Oliveira; CARMO, João Dos Santos. Contribuições da análise do comportamento à educação: um convite ao diálogo. **Cadernos de Pesquisa**, v.43, n.149, p.704-723, maio-ago. 2013.

KILPATRICK, William. **Educação para uma civilização em mudança**. 4. ed. Tradução de Noemy S. Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

LIMA, Lauro de Oliveira. **A escola secundária moderna**. Fundo de Cultura: Rio de Janeiro, 1962.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. Especificidades da emergência da contemporaneidade pedagógica no Brasil: apontamentos para uma história do currículo escolar. **Anais da 38ª Reunião Nacional da ANPED** – “Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência”, São Luís: UFMA, 2017.